

Leonardo Boff

Por que parece que o tempo passa tão depressa?

Quase todos fazemos a experiência de que tudo está passando depressa demais. Já estamos próximos do Natal, logo depois vêm as festas de fim de ano, o carnaval e assim outras datas. Esse sentimento é ilusório ou tem base real?

Há uma acirrada discussão entre os cientistas, especialmente físicos e climatologos, que essa sensação não possui base científica. Estes geralmente se movem ainda dentro do velho paradigma que não considera a interação de tudo com tudo, como o demonstrou a física quântica e foi assumida pela ecologia integral do Papa Francisco em sua encíclica: "Sobre o cuidado da Casa Comum" (2015) e ecologia em geral.

Outro grupo pesquisadores, no entanto, que assumem o novo paradigma holístico, como os do HeartMath Institute acolhem a hipótese de que o sol e a atividade geomagnética influenciam a vida humana e a de todos os seres vivos. É neste contexto que se coloca a influência da Ressonância Schumann para aclarar a sensação de que tudo passa tão rápido.

O físico alemão W.O. Schumann constatou em 1952 que a Terra é cercada por um campo eletromagnético poderoso que se forma entre o solo e a parte inferior da ionosfera, cerca de 60-100 km acima de nós. A Terra e a ionosfera agem como uma imensa "caixa" ressonante mais ou

menos constante, da ordem de 7,83 pulsasões por segundo. Funciona como uma espécie de marca-passo, responsável pelo equilíbrio da biosfera, condição comum de todas as formas de vida.

Verificou-se também que todos os vertebrados e o nosso cérebro são dotados da mesma freqüência de 7,83 hertz. Empiricamente fez-se a constatação de que não podemos ser saudáveis fora dessa freqüência biológica natural. Sempre que os astronautas, em razão das viagens espaciais, ficavam fora da atividade eletromagnética terrestre e da ressonância Schumann, sentiam-se enfraquecidos. Após a viagem espacial deviam repousar por algum tempo até recuperar seu equilíbrio. Mas submetidos à ação de um simulador Schumann recuperavam o equilíbrio e a saúde.

Por milhares de anos as batidas do coração da Terra tinham essa freqüência de pulsasões e a vida se desenrolava em relativo equilíbrio ecológico. Ocorre que a partir dos anos 80, e de forma mais acentuada a partir dos anos 90 até hoje, a freqüência passou de 7,83 para 9,11,13 e mais hertz por segundo. O coração da Terra disparou.

Então muitos pesquisadores entre as várias influências solares e eletromagnéticas que a Terra está constantemente submetida, incluiram também a Ressonância Schumann.

Afirmam que está bem estabelecido

que a dimensão cerebral e cardiovascular e o sistema nervoso automático são afetados. Afirram que não é de estranhar que coincidentemente ocorram desequilíbrios ecológicos e sociais: o aquecimento global da Terra, eventos extremos, com secas severas e grandes inundações pelo excesso de chuvas, maior atividade dos vulcões, crescimento de tensões e conflitos no mundo e aumento geral de comportamentos desviantes nas pessoas, entre outros. Devido à aceleração geral, a jornada de 24 horas, continua sendo de 24 horas, mas na verdade, a percepção é como se fosse de somente de 16 horas. Portanto, a sensação de que tudo está passando rápido demais não é ilusória, mas teria base real nesse transtorno dos campos eletromagnéticos e da Ressonância Schumann.

Os dados do Painel Intergovernamental para as Mudanças Climática e assumidos pelas várias COPs revelam que estão ocorrendo evento extremos, o crescimento global do planeta, chegando neste ano a 1,7°C quando se previa que até 2030 que chegaria a 1,5°C.

Não podemos mais parar a roda, apenas desacerelá-la mediante um processo de precaução, prevenção, adaptação e de minoração dos efeitos nocivos. Haverá, se não mudarmos de rumo civilizatório, grandes dizimamentos de espécies e milhões

de pessoas poderão correr risco de vida.

A Terra é Gaia, quer dizer, um super-organismo vivo que articula o físico, o químico, o biológico e antropológica de tal forma que ela se torna benevolente para com a vida. Agora ela não consegue sozinha se auto-regular. Temos que ajudá-la, mudando o padrão de intervenção na natureza, de produção e de consumo. Caso contrário, poderemos conhecer o destino dos dinossauros. Nós, seres humanos, somos aquela porção da Terra que sente, pensa, ama, cuida e venera. Temos o imperativo ético, bem expresso no livro do Gênesis (2,15) de guardar e cuidar da Casa Comum.

Esse imperativo deve começar por nós mesmos: fazer tudo sem estresse, com mais serenidade, com mais amor, que é uma energia cósmica e essencialmente harmonizadora. Cientistas desta área testemunham que as pessoas que se alinham à Ressonância Schumann normal (7,83 herzt) se mostram mais cordiais, cuidadosas e compassivas.

Precisamos respirar juntos com a Terra, para conspirar com ela pela paz que é o equilíbrio do movimento e fruto da justa medida em todas as nossas atividades.

***Leonardo Boff, ecoteólogo e Membro da Comissão Internacional da Carta da Terra.**

Tales Faria

Ausência de Alcolumbre e Hugo Motta foi "ação coordenada"

Não foi mera coincidência o fato de os presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), e da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), juntos, se ausentarem nesta quarta-feira (25) da cerimônia no Palácio do Planalto de sanção do projeto que isenta do imposto de renda (IR) quem ganha até R\$ 5 mil de salário por mês.

Os dois combinaram a ausência como uma manifestação de protesto. Alcolumbre e Motta mandaram ao Palácio do Planalto, no entanto, o recado de que o gesto não era contra o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e que tinham motivações diferentes.

O presidente do Senado, porque rompeu com o líder do governo na Casa, Jaques Wagner (PT-BA), a quem acusa de tê-lo traído e indicado o advogado-geral da União, Jorge Messias, para a vaga de ministro do Supremo Tribunal Federal

(STF). Alcolumbre defendia a indicação do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Já o presidente da Câmara teria como motivação o seu rompimento com o líder do PT na Casa, Lindbergh Farias (RJ), a quem acusa de capitanejar uma campanha pública de ataques à sua honra.

Lula finge que acreditou. Sua ministra das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, passou o pano e agradeceu publicamente a Motta e Alcolumbre. "A ausência dos presidentes em nada ofusca a importante condução e o apoio que deram a essa matéria", afirmou na solenidade.

Mas não é exatamente assim que pensam e falam à boca pequena os governistas. Com duas de suas principais lideranças no centro do furação contra o governo, promovido pelos comandantes do Congresso, o PT evita no entanto explicitar sua

avaliação sobre as movimentações de Motta e Alcolumbre.

A estratégia dentro do partido é tentar manter, publicamente, a confusão no Senado separada da encrenca na Câmara. Tratar os dois episódios como se não tivessem vasos comunicantes e esperar a temperatura baixar.

Sobra para os aliados mais radicais do partido, como o Psol, colocar a boca no trombone:

"Não adianta esconder. O que está havendo aqui é uma ação pré-eleitoral coordenada do centrão contra o presidente Lula. Motta e Alcolumbre combinaram a ausência. Estão armando essas brigas para paralisar as ações do governo no Congresso", afirma o deputado Ivan Valente (Psol-SP), um decano da esquerda e aliado do governo.

Valente diz que, ao hostilizar publicamente o líder do PT, Motta está

imitando Arthur Lira (PP-AL), que quando presidente da Câmara rompeu com o então ministro-chefe das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, para inviabilizar articulações políticas do Palácio do Planalto.

No caso de Alcolumbre, Valente lembra que a indicação de ministros do STF cabe ao presidente da República.

"O senador quer tomar para si essa atribuição? Não. Ele sempre soube que Rodrigo Pacheco não seria indicado por Lula. Está criando um falso embate para paralisar pautas do governo e aprovar as pautas bombas às vésperas da eleição. Essa é a estratégia do centrão", diz o deputado.

Só tem um problema aí. Ausentes da solenidade, os dois, na prática, deixaram espaço para Lula assumir sozinho a paternidade da isenção de IR para os mais pobres. As palavras amenas de Gleisi terão pouco peso eleitoral.